

A crise é gravíssima e “tudo indica que vamos ficar patinando por um bom tempo”. Entrevista especial com Luiz Fernando de Paula

Por: Patricia Fachin | 14 Maio 2019 IHU-Online

<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/589090-a-cri-se-e-gravissima-e-tudo-indica-que-vamos-ficar-patinando-por-um-bom-tempo-entrevista-especial-com-luiz-fernando-de-paula>

“O quadro econômico e social é gravíssimo, pois estamos tendo a pior recuperação econômica das últimas décadas”, afirma o economista Luiz Fernando de Paula, ex-presidente da **Associação Keynesiana Brasileira**, na entrevista a seguir, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Segundo ele, a lenta recuperação da economia brasileira não tem paralelo com experiências anteriores, e o alto índice de desemprego, que “acaba expulsando parte dos trabalhadores de forma definitiva do **mercado formal de trabalho**”, e a ociosidade da economia sinalizam que “vamos ficar patinando por um bom tempo”.

Embora não exista “mágica a ser feita” para sair da **recessão** e garantir a retomada do crescimento, o economista argumenta que o governo poderia “adotar medidas que estimulem o consumo das famílias e buscar formas para **ampliar os investimentos em infraestrutura**, através da constituição de um fundo público para este propósito”. Defensor da implementação de políticas keynesianas para enfrentar esse período, **Luiz Fernando de Paula** acentua que essas medidas, “para serem bem-sucedidas, têm que ser bem coordenadas”. O **governo Lula**, em 2009, lembra, “articulou bem um conjunto de **políticas anticíclicas**; já **Dilma**, no primeiro governo, não, pois privilegiou isenções fiscais ao invés de gastos públicos, e fez uma política altamente vacilante. Depois inverteu tudo com uma **política ortodoxa** em meio a forte contração econômica que já vinha ocorrendo desde meados de 2014”.

Na atual conjuntura, em que o **governo Bolsonaro** aposta todas as fichas na reforma da Previdência, o economista adverte que “a reforma não vai ser uma panaceia para a retomada do crescimento, conforme sustenta Paulo Guedes”. Ela pode ter um impacto ao diminuir o **risco-país**, a taxa de juros externa, e pode atrair mais capital externo, “mas não resolve o problema fundamental da melhoria das expectativas empresariais”, assegura. Para **Luiz Fernando de Paula**, “o grande desafio é encontrar o equilíbrio de **sustentabilidade fiscal** de longo prazo com alguma flexibilidade fiscal no curto prazo. (...) A questão fundamental é, como Keynes dizia, encontrar um bom equilíbrio entre Estado e mercado. Aqui não há uma receita de bolo. A ação do

Estado deve ser bem coordenada e com objetivos claros e bem explicitados, do contrário podemos ter, sim, uma intervenção negativa”.



Luiz Fernando de Paula (Foto: UFRGS)

Luiz Fernando de Paula é graduado em Economia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, doutor em Economia pela Universidade de Campinas – Unicamp. Atualmente leciona no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IE/UFRJ, é coordenador do Grupo de Estudos de Economia e Política do IESP GEEP/UERJ e ex-presidente da Associação Keynesiana Brasileira – AKB. É autor do livro **Financial Liberalization and Economic Performance: Brazil at the**

Crossroads (Routledge, 2010) e **Sistema Financeiro, Bancos e Financiamento da Economia: uma abordagem keynesiana** (Campus, 2014).

O economista esteve no **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** na noite de ontem, 13-05-2019, ministrando a palestra “*A crise financeira internacional e o retorno da política econômica de Keynes*”, que integra o [V Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia](#). Assista à íntegra da conferência no final da entrevista.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Segundo as projeções para este ano, o crescimento econômico será baixo e há cerca de 13,4 milhões de desempregados no país atualmente. Considerando esses dados, qual é a gravidade da crise que o país enfrenta, na sua avaliação?

Luiz Fernando de Paula - O quadro econômico e social é gravíssimo, pois estamos tendo a pior recuperação econômica (após uma recessão) das últimas décadas. Não há paralelo com outras experiências. A recuperação é muito lenta, e vem quase na forma de um “*stop and go*”. Pior ainda, o [desemprego](#) elevado e persistente acaba expulsando parte dos trabalhadores de forma definitiva do **mercado formal de trabalho**, e a produção manufatureira vem despencando continuamente. Infelizmente tudo indica que vamos ficar patinando por um bom tempo.

IHU On-Line - Ainda estamos vivendo os desdobramentos da crise financeira de 2008, ou a crise econômica brasileira tem outras causas? Quais são as causas da crise econômica que o Brasil enfrenta hoje?


Luiz Fernando de Paula - A [crise econômica](#) é fruto tanto de fatores exógenos (um cenário internacional nebuloso por conta da briga entre [EUA e China](#)) quanto endógenos (políticas econômicas inadequadas para enfrentar a crise). A [política econômica](#) do governo atual está apoiada em duas ideias: (i) **contração fiscal expansionista** (ajuste fiscal leva os agentes a gastarem mais pois acreditam que vão pagar menos imposto no futuro), (ii) choque de credibilidade gerado por uma possível [reforma da Previdência](#), o que deslancharia os investimentos produtivos. As duas hipóteses são altamente duvidosas, sem evidência empírica favorável. A **economia brasileira** está com alta ociosidade e alguma coisa tem que ser feita para ativar a demanda na economia. E ainda tem a **crise política** que impacta a **crise econômica**.

IHU On-Line – Uma parte dos economistas que assessoraram os governos petistas tinha uma orientação

keynesiana ou desenvolvimentista. Como o senhor avalia as medidas adotadas por eles em retrospectiva?

Luiz Fernando de Paula - Eu diria que eram economistas desenvolvimentistas, não necessariamente **keynesianos**. Mas veja, **políticas keynesianas**, para serem bem-sucedidas, têm que ser bem coordenadas. **Lula** em 2009 articulou bem um conjunto de **políticas anticíclicas**; já **Dilma**, no primeiro governo, não, pois privilegiou isenções fiscais ao invés de gastos públicos, e fez uma política altamente vacilante. Depois inverteu tudo com uma **política ortodoxa** em meio a forte contração econômica que já vinha ocorrendo desde meados de 2014.

Políticas keynesianas, para serem bem-sucedidas, têm que ser bem coordenadas - Luiz Fernando de Paula




IHU On-Line - Como as teorias econômicas de Keynes poderiam iluminar a atual conjuntura econômica brasileira? Que aspectos da teoria econômica keynesiana poderiam ser colocados em prática neste momento e quais seriam seus efeitos na economia brasileira?

Luiz Fernando de Paula - A **atual conjuntura** é bastante complicada — não há mágica a ser feita. Mas o governo tem que tomar medidas para reativar a economia em função de elevada capacidade ociosa existente. Deve-se procurar adotar medidas que estimulem o **consumo das famílias** e buscar formas para ampliar os investimentos em infraestrutura, através da constituição de um fundo público para este propósito. Mas, com o atual **teto de gasto**, nada disso é possível. Ademais, há espaço para o **Banco Central** reduzir a taxa de juros.

IHU On-Line - No caso brasileiro, diante da atual crise econômica do país e da situação fiscal das contas públicas, como o Estado poderia estimular a economia?

Luiz Fernando de Paula - O grande desafio é encontrar o equilíbrio de **sustentabilidade fiscal** de longo prazo com alguma flexibilidade fiscal no curto prazo. No atual contexto, o governo teria que conter os gastos correntes e abrir algum espaço para os investimentos públicos. Mas, na atual conjuntura, temos uma **política fiscal** fortemente contracionista que irá contribuir para aprofundar a crise.

Na atual conjuntura, temos uma política fiscal fortemente contracionista que irá contribuir para aprofundar a crise - Luiz Fernando de Paula



IHU On-Line - Até que ponto e em que sentido a intervenção estatal, conforme defendida por Keynes, é positiva para o desenvolvimento econômico? Em algum sentido a intervenção estatal pode ser negativa?

Luiz Fernando de Paula - Não há país do mundo desde o século XX que tenha feito seu *catching-up* sem uma intervenção estatal na economia. A questão fundamental é, como [Keynes](#) dizia, encontrar um bom equilíbrio entre [Estado e mercado](#). Aqui não há uma receita de bolo. A ação do Estado deve ser bem coordenada e com objetivos claros e bem explicitados, do contrário podemos ter, sim, uma intervenção negativa.

IHU On-Line - No caso brasileiro, que avaliação é possível fazer acerca da intervenção estatal na economia nos últimos governos?

Luiz Fernando de Paula - A ação anticíclica do governo brasileiro em 2008-2009 foi bem-sucedida, enquanto em 2012-2014, não. O mix de políticas é fundamental para determinar o sucesso do ativismo estatal. No caso do primeiro governo **Dilma**, o expansionismo fiscal foi feito pelo lado da **isenção fiscal**, com efeito baixíssimo sobre **crescimento econômico**, e não pelo lado do investimento público, que tem maiores efeitos multiplicadores de renda na economia. Depois em 2015 inverteu tudo e adotou, em meio à **recessão**, uma política fortemente contracionista. Um caso clássico de má coordenação de políticas!

O empresário só investe se tiver perspectiva otimista do crescimento futuro da economia, e a “fada de confiança” não irá despertar o espírito animal dos empresários - Luiz Fernando de Paula

IHU On-Line - O modelo econômico de Paulo Guedes é sustentado em três pilares: a reforma da Previdência, a privatização acelerada e a simplificação, redução ou unificação dos impostos. Quais são as dificuldades e as potencialidades desse modelo?

Luiz Fernando de Paula - A [reforma da Previdência](#) é, em alguma medida, necessária, mas a proposta pelo governo é altamente regressiva. Mas a reforma não vai ser uma panaceia para a retomada do crescimento, conforme sustenta **Paulo Guedes**. Ajuda a diminuir o **risco-país**, diminui um pouco a **taxa de juros** externa, poderá atrair mais capital externo, mas não resolve o problema fundamental da melhoria das expectativas empresariais. Isto porque empresário só investe se tiver perspectiva otimista do crescimento futuro da economia, e a “fada de confiança” não irá despertar o espírito animal

dos empresários. Quanto à **privatização**, não há participação excessiva de estatais na economia, e **Petrobras, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal** dão lucro ao governo. A questão do **Guedes** é uma questão puramente ideológica pró-mercado, não tem racionalidade econômica.

IHU On-Line - Pode nos explicar quais problemas econômicos, na sua avaliação, a teoria econômica keynesiana pode resolver de modo mais eficaz do que o liberalismo econômico?

Luiz Fernando de Paula - Fundamentalmente o problema do **crescimento, emprego e redução das desigualdades sociais**. A [teoria keynesiana](#) mostra que um dos principais problemas das economias capitalistas é a falta de demanda agregada que dê sustentação ao crescimento com pleno emprego. Aí abre espaço para ação anticíclica do governo. Mas o papel do governo na economia deve ser permanente, inclusive durante o **crescimento econômico**, sustentando investimentos públicos em infraestrutura econômica e social.

IHU On-Line - Dez anos depois da última grande crise financeira internacional, há possibilidade de uma nova grande crise à vista? Sim, não e por quê?

Luiz Fernando de Paula - É difícil prever. Mas acredito que teríamos que ter um ciclo mais longo de crescimento. Agora, sem dúvida, há preocupação com o **aumento das dívidas privadas** das grandes empresas; aí tem uma [tendência de fragilização financeira](#).

A questão do Guedes é uma questão puramente ideológica pró-mercado, não tem racionalidade econômica - Luiz Fernando de Paula

IHU On-Line - Como a adoção das teorias econômicas keynesianas poderia evitar uma nova crise financeira internacional? Que medidas seriam eficazes nesse sentido?

Luiz Fernando de Paula - Em primeiro lugar tem que ter um sistema financeiro bem regulado. A [crise de 2008](#) foi resultado de um **sistema financeiro** que foi se desregulamentando de forma profunda, permitindo o surgimento de instrumentos financeiros tóxicos. Em segundo lugar, o governo tem que estar atento para evitar contrações cíclicas, fazendo bom uso das **políticas anticíclicas**.